

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACON, Francis. **Novo organum ou verdadeiras indicações acerca da interpretação da natureza.** São Paulo: Nova Cultural, 1984. (Os pensadores).

DESCARTES, René. **Discurso do método.** 5.ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991 (Os pensadores).

HUISMAN, Denis. **História do existencialismo.** Bauru, SP: EDUSC, 2001.

HUSSERL, Edmund. **A crise da humanidade européia e a Filosofia.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

KOHAN, Walter Omar. **Filosofia no ensino médio.** Petrópolis: Vozes, 2000.

MARCONDES, Danilo. **Inicialização à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

MUNDIM, Batista. **Curso de Filosofia.** São Paulo: Paulus, 1983.

PELIZZOLI, Marcelo Luiz. **A relação ao outro em Husserl e Levinas.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994.

REALE, Giovanni. **História da Filosofia.** São Paulo: Paulus, 1991. v. 3.

ROVIGH, SofiaVanni. **História da Filosofia contemporânea do séc. XIX a neoescolástica.** São Paulo: Loyola, 1998.

Revisado por

CONCLUSÃO

A fenomenologia é o movimento filosófico inaugurado por Husserl e desenvolvido, sobretudo na França e na Alemanha no séc. XX. Seu projeto filosófico caracterizou-se inicialmente pela formulação da fenomenologia como um método que pretende explicar as estruturas implícitas da experiência humana na do real, revelando o sentido dessa experiência através de uma análise da consciência em sua relação como real.

A fenomenologia de Husserl (2002) considera sua tarefa basicamente como, descritiva dos elementos mais básicos de nossa experiência. É, portanto, o impacto em que os fenomenólogos se contraem reduzindo-se de fato a teorias equivalentes a certeza.

Buscar a essência de tais objetos é o principal objetivo da fenomenologia, mas também a satisfação como ser humano levar adiante em presente instante o que se manteve muitas vezes encoberto pelos ditos de outrem.

O fenomenológico não procura fatos, e sim a essência dos fatos, ou seja, ele não está preocupado em saber sobre a sua ou a minha moral, mas o porquê de esta ou aquela serem normas morais.

O fenomenólogo, muito mais que os cientistas, concentra-se em análises específicas sobre o que caracteriza essencialmente: o pudor, a santidade, o amor, a justiça, o remorso ou os tipos de sociedade. Porém, os cientistas ao contrário, baseiam-se nos fatos que comprometem a vida do ser humano, diluindo nesse processo: efeito e causa.

Enfim, este trabalho científico, teve por finalidade mostrar, o quão importante é saber um pouco mais sobre os fenômenos que estão a nossa volta. Além do mais, somos seres humanos e fomos lançados no mundo para buscarmos e descobirmos o novo.

Ponto Comum

- **Francis Bacon:** Se dirige ao chamado ídolos como uma forma espantosa de bloqueamento mental, pois estes segundo Bacon, interrompem a capacidade psíquica do homem fornecendo ao mesmo ilusões, preconceitos... A maneira cabível que o filósofo encontra para não se deixar enganar é uma espécie de corrida contra os ídolos. Somente assim que o cientista poderá engendrar-se em uma teoria seguramente madura.
- **Edmund Husserl:** Se dirige a epoché (redução eidética e transcendental) que se designa para uma transição da fase negativa que é a etapa inicial, a retirada de todos os preconceitos sobre determinada coisa, e a fase positiva que é a etapa final a conclusão do que é determinada coisa depois de manifesta.

Resumindo: Ambos se abstêm de preconceitos para o alcance do verdadeiro conhecimento.

Ponto Incomum

- **Francis Bacon:** Se preocupa na utilização somente de uma das fases de Husserl, a preocupação em limpar os olhos diante dos ídolos.
- **Edmund Husserl:** Se preocupa na utilização das duas fases: limpando os objetos de preconceitos e limpando após os olhos diante de tais objetos.

semelhante a um espelho que reflete desigualmente os raios das coisas e, dessa forma, as distorce e corrompe”.

Os ídolos da caverna são os dos homens enquanto, indivíduos. Pois cada um, além das aberrações próprias da natureza humana, em geral tem uma caverna ou uma cova que intercepta e corrompe a luz da natureza; seja devido à natureza própria e singular de cada um; seja devido à educação ou conversação com os outros; seja pela leitura dos livros ou pela autoridade daqueles que se respeitam e admiram; seja pela diferença de impressões, segundo ocorram em ânimo preocupado e predisposto ou em ânimo equânime e tranquilo; de tal forma que “o espírito humano, tal como se acha disposto em cada um é coisa vária, sujeita a múltiplas perturbações e, até certo ponto, sujeita ao acaso”. Por isso, bem proclamou Heráclito, que os homens buscam os seus pequenos mundos e não os grandes ou universais.

Os ídolos do foro (ou do mercado) são resultados das relações entre os homens. Os homens se associam graças ao discurso, e as palavras são cunhadas pelo vulgo. São impostas de maneira imprópria e inepta bloqueiam espantosamente o intelecto. Nem as definições, nem as explicações com que os homens doutos se munem e se defendem em certos domínios, restituem as coisas ao seu lugar. “As palavras forçam o intelecto e o perturbam por completo”. E os homens são assim, arrastados a inúmeras e inúteis controvérsias e fantasias.

Há por fim, ídolos que imigram para o espírito dos homens por meio das diversas doutrinas filosóficas e também pelas regras viciosas da demonstração. São os ídolos do teatro: por parecer que as filosofias adotadas ou inventadas são outras tantas fábulas, produzidas e representadas, que figuram mundos fictícios e teatrais. Não nos referimos apenas às que ora existem ou às filosofias e seitas antigas. Inúmeras fábulas do mesmo teor se podem reunir e compor, porque as causas dos erros mais diversos são quase sempre as mesmas. Ademais, não pensamos apenas nos sistemas filosóficos, na sua universalidade, mas também nos numerosos principais das ciências que entraram em vigor, mercê da tradição, da credulidade e da negligência.

Bacon (1984) propõe então um modelo para a nova ciência. O homem deve despir-se de seus preconceitos tornando-se “uma criança diante da natureza”. Só assim alcançará o verdadeiro saber.

Relação

CAPÍTULO IV

Bacon (1984) é considerado, juntamente com Descartes (1991), um dos iniciadores do pensamento moderno, por sua defesa do método experimental contra a ciência teórica e especulativa clássica, por sua rejeição da escolástica, bem como por sua concepção de um pensamento crítico e do progresso da ciência e da técnica. Embora não tenha sido um cientista, Bacon (1984) teve uma grande influência enquanto defensor de uma determinada concepção de método científico que valoriza a experiência e a experimentação.

Um crítico de duas causas em que Aristóteles se posiciona a caminho do conhecimento (eficiente e formal), Bacon introduz novas possibilidades de um método que não se julgue superficial e inútil para a verdadeira ciência.

Assim como em Descartes, a filosofia de Bacon caracteriza-se por uma ruptura bastante explícita em relação à Idade Média. A preocupação fundamental de Bacon é com a formulação de um método que evite o erro e coloque o homem no caminho do conhecimento correto. Este é um dos sentidos primordiais do pensamento crítico, que marcará fortemente a filosofia moderna, vendo a tarefa da filosofia como a liberação do homem de preconceitos, ilusões e superstições. E é justamente nesse contexto que ele introduz os chamados ídolos.

“Os ídolos são noções falsas que ora ocupam o intelecto humano e nele se acham implantados, não somente o obstruem a ponto de ser difícil o acesso da verdade, como, mesmo depois de seu pórtico logrado e descerrado, poderão ressurgir como obstáculo à própria instauração das ciências, a não ser que os homens, já precavidos contra eles, se cuidem o maior que possam.” (BACON 1984, p. 20)

São de quatro gêneros os ídolos que bloqueiam a mente humana. Para melhor apresentá-los, lhes assinamos nomes, a saber: ídolos da tribo, ídolos da caverna, ídolos do foro, ídolos do teatro.

Os ídolos da tribo resultam da própria natureza humana, “tribo” significando a espécie humana, e Bacon indica com isso que o homem por natureza não tem nenhuma relação com o universo que permita que o conheça tal como é: o homem não é um microcosmo que reflete em si as características do macrocosmo. Segundo Bacon “o intelecto humano é

Resumindo: Ambos estão preocupados em assimilar algo errôneo, contudo convém a nós dizer qual a maneira eficaz de se ter um conhecimento verdadeiro. Um pela dúvida, o outro pela epoché.

Ponto Incomum

- **René Descartes:** A dúvida caracteriza-se em duvidar mesmo de tudo o que é apresentado inconsistentemente.
- **Edmundo Husserl:** A epoché não necessariamente duvida, mas não deixa de frisar a suspensão do juízo. É retirar da minha concepção por momentos, o que me dizem os outros.

O segundo argumento é introduzido representando uma nova etapa na radicalização da dúvida. É possível que na verdade, eu esteja dormindo e sonhando, e que tudo o que creio perceber esteja apenas ocorrendo em meu sonho. Afinal, todos nós já tivemos experiências desse tipo, e é só quando acordamos que nos damos conta de que se tratava de um sonho. Não dispomos, de fato, de um critério seguro para distinguir o sonho da vigília. Ou seja, tudo o que acreditamos perceber claramente pode estar ocorrendo apenas em sonho, sem ter nenhuma relação com a realidade externa.

O terceiro argumento levará a dúvida a suas últimas conseqüências. Descartes parte da hipótese de um deus que “tudo pode e que me criou como sou”. Ora, eu poderia, em princípio, ter sido criado não por Deus, mas por um “Gênio maligno” que me enganasse sobre a existência de todas as coisas. O argumento do deus enganador é assim o ponto final da aplicação do método da dúvida. Trata-se de um elemento externo que, sendo todopoderoso, pode até mesmo penetrar em minha interioridade e criar ilusões, fazer com que me engane. Por esse motivo, o filósofo deve suspender seu juízo sobre todas as coisas, suspeitar de tudo, permanecer sempre na dúvida preparar seu espírito contra as artimanhas desse deus enganador.

De fato, só devemos aceitar como verdadeiro algo que não esteja sujeito a “menor dúvida”, sendo a tarefa do filósofo buscar tal certeza. Segundo Descartes, só há uma coisa que está imune à dúvida: o meu pensamento, pois para duvidar, é preciso que eu pense.

Relação

Ponto Comum

- **René Descartes:** A dúvida cartesiana é um método que propõe estabelecer conclusões de um fundamento confiável. Descartes preserva em último grau o pensar, pois somente ele está longe de se duvidar. Aceitar como verdadeiro algo que não esteja sujeito a menor dúvida, sendo a tarefa do filósofo buscar total certeza.
- **Edmund Husserl:** A epoché, também como um método, estabelece a retirada de preconceitos nos objetos, pretendendo pois teorias responsavelmente bem delimitadas. Husserl preserva a consciência caracterizando-a como verdade incontestável. É preciso buscar coisas manifestas, fenômenos tão evidentes que não possam ser negados. “Sem evidência, não há ciência.”

CAPÍTULO III

Considerado o pai da filosofia moderna, Descartes foi o primeiro a dar prioridade ao problema epistemológico e a iniciar a pesquisa filosófica pelo estudo do conhecimento.

“Penso, logo existo” (DESCARTES, 1991), é uma das mais célebres expressões filosóficas. Trata-se da conclusão do “argumento do cogito” por meio da qual o filósofo pretende encontrar um fundamento seguro para a construção do “edifício do conhecimento”.

A etapa inicial da argumentação cartesiana é a formulação de uma dúvida metódica, colocando em questão todo o conhecimento adquirido, toda a ciência clássica, todas as nossas crenças e as opiniões. A dúvida é necessária, já que dentre esses conhecimentos e crenças, muitos há que descobrimos ser comprovadamente falsos e outras que não parecem justificados. Segundo ele toda e qualquer proposição deve ser rejeitada caso haja o menor motivo para dúvida. Diz Descartes ao Pe. Bourdin (Sétimas Objeções): “Se vós tivésseis um cesto de maçãs dentre as quais estivessem podres, contaminando assim as restantes o que fazer senão esvaziá-lo todo, e tomando cada maçã uma a uma recolocar a boas no cesto e jogar fora a más?” (MARCONDES, 2002 p. 165)

A citação acima nos mostra claramente que devemos esvaziar-nos de todos os nossos conhecimentos e crenças, já que dentre eles há alguns que não são confiáveis; mas não sabemos quais até examiná-los todos.

Descartes (1991) chega a essa conclusão através de um argumento baseado em três níveis: O primeiro argumento baseia-se nos nossos sentidos, ou seja, eles são sabidamente enganados e facilmente podem nos equivocar em qualquer experiência de percepção. Exemplo: Se o objeto está distante, se a iluminação está inadequada, se qualquer outro fator ambiente interfere, não podemos, portanto, confiar em nossos sentidos. Contudo, eles são a fonte principal de nosso conhecimento sobre o mundo natural. Ou seja, a dúvida é lançada não só contra nossos conhecimentos adquiridos, mas também contra nossas próprias faculdades cognitivas, através das quais, adquirimos esses conhecimentos. É certo, no entanto, que nem sempre os sentidos nos enganam, havendo momentos em que parece termos certeza daquilo que percebemos.

Resumindo: Ambos exercem uma mesma função: a volta! Um para recordar, o outro para descobrir o novo.

Ponto Incomum

- **Platão:** Acredita fielmente na reencarnação do corpo, utilizando-se desta para um comprometimento com o conhecimento inativo no ser humano.
- **Edmund Husserl:** Se compromete em delinear o conhecimento como forma de aprendizado nato.

Uma das coisas mais extraordinárias da filosofia platônica é a doutrina da reminiscência. Segundo ele o nosso conhecer é recordar. É como se em algum momento tivéssemos vivido em um outro mundo, chamado por ele de “mundo das idéias”, e de volta ao mundo sensível, tivéssemos nascido outro vez com todos os nossos pensamentos e conhecimentos inativos.

Para Platão (apud MARCONDES, 2002), tudo que manifesta esse mundo, ou seja, o mundo das opiniões é simplesmente, cópias, xerox do real que se mantém intacto no mundo das idéias. E por serem meras cópias, a vista de coisa belas faz despertar em nós a idéia de beleza, a vista de coisas justas faz despertar em nós a idéia de justiça.

Talvez seu pensamento decorre como loucura, mas é uma forma de explicar o voltar para aquilo que já sabíamos. Tudo o que nos é ensinado, para Platão é uma tentativa de recordação, pois se aprendemos alguma coisa, é sinal que alcançamos o grau de se recordar daquilo que aprendemos. E se nós não aprendemos, significa que os nossos conhecimentos estão escondidos no nosso inconsciente, de fato que é necessário um esforço para que venhamos a lembrar.

Já me aconteceu de estar num local, onde nunca estive antes durante a minha existência e sentir que tudo o que me rodeava me era familiar. Este é um exemplo pelo qual se estabelece a reminiscência de Platão. É contemplar um momento que aparentemente nunca viveu antes.

A reminiscência se resume: “Aprender, é descobrir que você já sabe. Fazer, é demonstrar que você o sabe. Ensinar, é lembrar aos outros que eles sabem tanto quanto você!”.

Relação

Ponto Comum

- **Platão:** A reminiscência se mantém em retornar. Volta ao mundo sensível para recordar as coisas apreendidas num momento anterior. Ela se constitui no esforço de lembrar algo esquecido.
- **Edmund Husserl:** Mantém-se em uma linha de busca, de retorno às coisas para se estabelecer após, teorias adequáveis. A fenomenologia empreende no esforço direcionado ao foco.

adolescentes, militares ou sofistas consagrados como Protágoras e Górgias, e interrogava-os a respeito de assuntos que lhes julgavam saber. O seu sentido de humor confundia os seus interlocutores, que acabaram por confessar a sua ignorância, da qual Sócrates extraía sabedoria. Por exemplo, querendo aprender o conceito de coragem, dirigia-se ao um general e perguntava-lhe: - Você que é General poderia me dizer o que é a coragem? O General respondia-lhe: - Coragem é atacar o inimigo, nunca recuar. Mas Sócrates contradizia: - Às vezes temos que recuar para melhor contra atacar. E a partir daí continuava o debate ampliando o conceito.

Relação

Ponto Comum

- **Sócrates** : No método socrático o conhecimento vem de dentro, do interior, basta que se ponha para fora tudo de errôneo que estava dentro de si, para só então buscar o conhecimento verdadeiro. É preciso que dilua nessa procura ao conhecimento reflexão, autoconfiança e esperança.
- **Edmund Husserl**: Na fenomenologia para se encontrar a essência das coisas, o cientista ou o filósofo tem que retirar suas concepções sobre dado momento, buscando novas teorias interiorizadas na consciência, pois se caracteriza de momentos estreitamente ligados, utilizando-se suspensão e reflexão.

Resumindo: Ambos prescrevem a caminhos diferentes, direcionando pois um único objetivo: a busca e o encontro com o verdadeiro conhecimento.

Ponto Incomum

- **Sócrates:** Disponibilizava-se em ajudar as pessoas a buscar o conhecimento.
- **Edmund Husserl:** Propõe a utilização do seu método com apenas uma pessoa, ou seja, o cientista e o objeto intercalando um conhecimento de dado acordo um com o outro.

Assim como Sócrates, Platão exerceu tamanha influência na época em que viveu. Discípulo do mesmo por vários anos, Platão decidiu fazer da filosofia não como finalidade de sua própria vida, mas para melhor se preparar, pela filosofia, para a vida política. Entretanto, os acontecimentos orientaram-no para outra direção. Filósofo Célebre decidiu, após a morte de seu mestre, abrir a sua própria academia.

Mas ao mesmo tempo, tem o cuidado de fazer com que a função seja transparente para quem observa mais a fundo.”

O método socrático envolve um questionamento do senso comum das crenças e opiniões que temos. Parte de um entendimento já existente, é ir além dele em busca de algo mais perfeito, mais completo.

Sócrates caracterizou seu outro método como maiêutica, que significa literalmente, a arte de fazer o parto, uma analogia com o ofício de sua mãe que era parteira. Esse método tem por objetivo a incisão de uma luz, ou seja, o momento em que diálogo e reflexão se fundem, jogando para fora o que estava de uma certa maneira, obscurecido pelo entendimento fraco e impreciso do interlocutor. A maiêutica se caracteriza em uma “finalização” de busca e passa a ser o começo de enfatizar novas teorias.

Sócrates via como sua tarefa ajudar as pessoas “a dar a luz”, não como sua mãe, mas sim de idéias. Uma vez que, segundo ele o verdadeiro conhecimento deve vir do interior. Ele não pode ser transmitido por outra pessoa. E só o entendimento que vem de dentro pode levar ao verdadeiro conhecimento.

Os diálogos socráticos eram inconclusivos, mas após os mesmos, acreditava-se estar numa situação melhor do que a de outrora, uma vez que, embora não se soubesse o que era um objeto em questão sabia-se o que ela não era.

O método maiêutico consiste em extrair idéias por meio de perguntas; a imagem é a de que as idéias, já existem na mente “grávida” da pessoa, mas precisam de um parto para se tornarem manifestas.

Concluo, pois este primeiro momento dizendo que, na ironia, confunde o conhecimento sensível e dogmático. Sócrates costuma iniciar uma conversação fazendo perguntas e obtendo dessa forma opiniões do interlocutor, opiniões que ele aparentemente aceitava. Depois, por meio de um interrogatório hábil, desenvolvia as opiniões originais do tal interlocutor, mostrando a tolice e os absurdos das suas opiniões superficiais, através das conseqüências contraditórias ou absurdas destas mesmas opiniões e a confessar o seu erro ou sua incapacidade para alcançar uma conclusão satisfatória.

Na maiêutica, dá-se luz a um novo conhecimento, um aprofundamento que não chega ao conhecimento absoluto. Ele comparava freqüentemente este método com a profissão da mãe: era possível trazer a verdade à luz. Assim, ele voltava-se para os outros, quer fossem

Com suas perguntas, Sócrates deixa embaraçado e perplexo aquele que está seguro de si mesmo, fá-lo ver novos problemas, desperta a sua curiosidade e estimula-o a refletir.

Para exemplificar melhor o que eu disse, pego como exemplo, um diálogo socrático no livro Ménon de Platão a respeito da virtude.

Ménom: Você pode me dizer, Sócrates, se a virtude é algo que pode ser ensinado ou que só adquirimos pela prática? Ou não é nem o ensinamento nem a prática que torna o homem virtuoso, mas algum tipo de aptidão natural ou algo assim?

- Sócrates: Você deve considerar-me especialmente privilegiado para saber se a virtude pode ser ensinada ou como pode ser adquirida. O fato é que estou longe de saber se ela pode ser ensinada, pois sequer tenho idéia do que seja virtude. E como poderia saber se uma coisa tem uma determinada propriedade se sequer sei o que ela é? (MARCONDES, 2002)

OBS: Quando se finge de ignorante, Sócrates tem em mira discernir as aptidões.

Em seguida, Sócrates pede a Ménon:

- Diga-me você próprio o que é a virtude, ao que Ménon responde:

- Mas não há nenhuma dificuldade nisso. Em primeiro lugar, se é sobre a virtude masculina que você deseja saber, então é fácil ver que a virtude de um homem consiste em ser capaz de conduzir bem seus afazeres de cidadãos... Ou se você quer saber sobre a virtude da mulher, esta também pode ser facilmente descrita. Ela deve ser boa dona de casa, cuidadosa aos seus pertences e obediente ao seu marido. Há ainda uma virtude para as crianças do sexo masculino e feminino, uma outra para os velhos, homens livres ou escravos, como você quiser. (MARCONDES, 2002)

A resposta de Sócrates bastante irônica, ilustra bem o que dissemos:

- “Acho que tenho sorte. Queria virtude e você tem todo um enxame de virtudes para me oferecer!...” (MARCONDES, 2002)

Vimos pois como Sócrates ironiza, de modo que Ménon oferece várias definições de virtude recusadas, entretanto, por ele.

Por razões de método seus diálogos levantam uma questão, mas não dão a solução. Serve para pôr a interrogação no caminho da solução para que ele mesmo a encontre. Como escreveu um refinado estudioso Maier (REALE, 1990 p. 98) :

Nessa brincadeira, Sócrates transforma em palavras ou fatos um disfarce, mostrando ser um grande amigo do interlocutor, admira sua capacidade e seus méritos pediram-lhe conselhos ou ensinamentos e assim por diante.

CAPÍTULO II

Sócrates talvez seja a personagem mais enigmática de toda a história da filosofia. Ele não escreveu uma única linha e, não obstante, está entre os que maiores influências exerceram sobre o pensamento europeu. Considerado o homem mais inteligente de Atenas pelo oráculo de Delphos, Sócrates adquiriu muitos inimigos sendo chamado por eles de corrompedor da juventude.

“Só sei que nada sei”, tornou-se um lema para sua filosofia e com isso obteve muitas críticas pelos próprios interlocutores. O método, do qual utilizava para com os seus discípulos era justamente assim chamado por ele de ironia. A ironia é uma espécie de simulação, mas em Sócrates, ela tem a finalidade de pôr em descoberta a vaidade, a desmascarar a impostura e de seguir a verdade. É uma dialética que com a troca de idéias o interlocutor entra em contradição convencendo-se de uma postura errada, (como, por exemplo, o interlocutor pergunta): -

“Sócrates é possível viver sem amor?”

Sócrates responde: - “O que você entende por amor?”

“- Fazer bem aos outros, proporciona-nos de uma certa maneira a felicidade?” “- O que é felicidade?”).

Esse exemplo anterior mostra exatamente a postura de Sócrates diante de tais questionamentos, fazendo dele “um não saber” aos olhos de muitos. Pois, como é possível que um homem como ele (o mais sábio) se negue a responder tais perguntas? Pergunta como essa martelava na consciência de cada um proporcionando nos interlocutores revolta, indignação, etc, é um método de análise crítica, mas também é, sobretudo, um método pedagógico.

A ironia socrática tem muitas vezes, uma aparência negativa e revolucionária, é cheia de irreverência e se compraz em desprezar o que a sociedade preza. De modo que não tem por finalidade desprezar os valores mais altos, mas de provar sua autenticidade.

Para Sócrates (apud MARCONDES, 2002), a verdade não se traduz em pronto e acabado, mas em uma longa procura, disponibilizando-se de interesse, tempo e paciência.

O fim, é de fato o momento mais longo, preocupante e às vezes decepcionante. É o deixar mostrar-se absolutamente puro. É o reaprender a reiniciação do que agora começa, diluindo dedicação, coragem e respeito, para depois olhar pra trás e dizer: “Eu consegui!” ou “Eu tentei”. É a hora de começar de novo, encaixando idéias novas para fazermos uma filosofia melhor.

O aprendizado varia tanto de pessoas, como em vivência intensiva, de modo que, o que nos torna iguais é justamente o fato de sermos diferentes. E agindo diferentemente uns dos outros, o guardar para mim se torna único e nunca igual ao guardar do outro.

Desaprender é uma espécie de consequência em relação ao que me foi ensinado, ou por mim próprio apreendido. Muitas vezes o que por nós se torna indissolúvel, traz por si só, implicações negativas, destrutivas, discriminadoras... E por base não só deste, mas de outros motivos, que desaprender faz remoldagem na nossa maneira de pensar e em nossas ações.

“Desaprender é aprender a não querê-las mais para si; a não outorgar-lhes mais o estatuto de verdade, de sentido ou de interesse. Verdade aprendida com outros, desde sempre cobra valor de inquestionável.” (KOHAN, 2000, p. 21)

Portanto, desaprender contribui com a evolução dos significados que fazem parte da vida de um sujeito, pois ao se tornar um ser cultural, ele contribui ativamente para essa evolução.

Reaprender pressupõe flexibilidade nos dada através dos sentidos, obtendo assim novas formas de idéias e teorias que venham fazer parte de uma nova visão social e pessoal.

Para Feuerstein (apud KOHAN, 2000), o desaprender está estreitamente ligado em disposição para mudanças, para aceitação dos fracassos, perdas e pulsão para a geração de novas conquistas.

Obtendo-se de informações geradas acima, a relação culminante que há entre Husserl e o tema anterior, está em enfatizar o seu método em etapas correlacionadas, sistematizando o princípio, o meio e o fim.

O princípio é a visualização sobre o objeto em relação a uma procura de informações consistentes, pois a partir desse momento, o nosso aprendizado sobre determinada coisa passa a ser “o não certo” perante aos nossos estudos aprofundados.

O meio é a retirada de todos os preconceitos que estiveram na nossa consciência durante anos, de modo que, não os joguemos fora, só os retiramos de uso por alguns instantes. Essa suspensão de juízo se relaciona com o desaprender, é a possibilidade de acreditar ou desacreditar de algo de uma vez por todas.

Fazer epoché não significa propriamente duvidar. Fazer epoché nada mais é que suspender um juízo sobre tudo o que nos dizem as crenças chamadas por Husserl de atitude natural. A atitude natural do homem é feita de persuasões variadas, úteis e necessárias à vida cotidiana. E a primeira dessas persuasões é a de que vive em um mundo de coisas existentes. Essas persuasões, porém, não possuem evidência construtiva e, conseqüentemente, devem ser postas entre parênteses. Não é que o filósofo duvide delas: ele muito mais as põe fora de uso, não utilizando-as como fundamento de sua filosofia, já que se a filosofia quer ser ciência rigorosa deve pôr como seu fundamento somente o que é indubitavelmente evidente.

E é exatamente essa evidência que Husserl (2002) procura nos objetos, enfocando a epoché como suspensão de um provável conhecimento comum a caminho de um conhecimento evidente, do qual não se pode duvidar.

Um outro exemplo claro e distinto é imaginar que em um lugar distante vive um grupo de pessoas, as quais não tiveram a oportunidade de conhecer o que é chamado por nós, de “garrafa de plástico” e seus derivados, pois um membro desse grupo observa esse objeto, e por desconhecê-lo totalmente, passa a conhecê-lo em sua integridade absoluta. Entretanto, o objeto que se encontra ali, está suspenso na consciência do indivíduo, qualquer tipo de suposição fazendo dele naquele momento um conhecedor de elemento puro.

A epoché instiga o ser humano a investigar tudo o que é imposto como pronto e acabado. Por isso, que como homem, o filósofo crê na existência do mundo e, ainda como homem, não pode deixar de crer em muitas outras coisas na vida prática, mas como filósofo ele não pode partir delas.

Escreve o fenomenólogo italiano Enzo Paci:

O objetivo da epoché é o desocultamento. O mundo está sempre lá. A sua existência não constitui problema. O problema que a epoché quer resolver é outro: Qual é o significado, qual é o fim do mundo, antes de tudo e originariamente para mim e depois para todos os sujeitos?” (REALE, 1991. p. 564)

Husserl (2002) quer que esse processo de se encontrar a essência, perdure na consciência de cada um, para que através do mesmo possam evidenciar as coisas aqui existentes.

CAPÍTULO I

A fase negativa é chamada por Husserl (2002), de epoché ou redução fenomenológica. Nela se faz necessário o pôr entre parênteses os conceitos admitidos pelo senso comum. O processo da epoché fundamenta no conhecer o fenômeno, em sua rigorosa realidade, absolutamente pura.

Para se conhecer a essência do objeto (fenômeno) é preciso que o observador abstenha-se de quaisquer conceitos seja eles dito pela ciência, pela cultura, pela religião, etc, pois somente abstendo-se dos mesmos se poderá chegar a conclusão do que realmente é o objeto observado.

É como se um objeto qualquer estivesse semi-enterrado, tido como preenchido de terra algumas de suas partes. Por não estar totalmente encoberto, passa a ser alvo de um sentimento que incorpora toda personalidade humana, curiosidade.

Aproxima-se então um indivíduo e o retira do chão. Mesmo estando mais perto de seus olhos, o mesmo não consegue identificá-lo com nitidez. Por sua vez, começa a limpar minuciosamente todas as suas partes até vir a obter um resultado. Esse objeto limpo, livre de toda sujeira, passa a ser um objeto puro, conhecido na sua integridade.

E é justamente o que Husserl (2002, p. 32), argumenta:

a terra cobrindo o objeto, passa a ser os conceitos nos dados através de terceiros; a retirada da terra sobre o objeto, é o método fenomenológico, epoché; e o objeto livre de qualquer alteração, é exatamente o que os filósofos e cientistas devem procurar sempre, a essência.

De fato, Husserl (2002) relata a relação sujeito/objeto, pois quando eu vejo, imagino e recordo; eu vejo, imagino e recordo alguma coisa, de modo que, minha consciência está sempre direcionada a alguma coisa. O sujeito é o eu pensante, já o objeto é o que está sendo pensado, também chamado por Husserl de noese e noema.

Ao contrário do que pensavam os céticos, Husserl (2002) sempre esteve convicto de que a essência dos objetos é encontrada através desse estudo, que ele mesmo denominou filosofia da essência. Basta se livrar dos preconceitos para que se chegue ao verdadeiro conhecimento.

métodos, Sócrates deu nome a um diálogo que não desse resposta de imediato, envolvendo o interlocutor a perceber uma postura errônea de ironia. Por debater tanto, fazendo com que o interlocutor começasse a refletir e a chegar a uma resposta satisfatória, deu-se o nome de maiêutica. O segundo momento corresponderá a um elo entre os correspondentes métodos: método socrático. Ironizava nada saber para que o interlocutor descobrisse por si só o que já sabia de maneira consistente. Instigava o mesmo a reconhecer o seu erro e a dar vida a uma nova idéia. Método husserliano concentrava-se em desfazer dos ditos por outrem, através de um estudo aprofundado, chegando a obter a essência completamente pura. No terceiro momento, trataremos de mostrar o que é a reminiscência de Platão, e a volta às coisas mesmas de Husserl. A reminiscência de Platão está voltada para uma recordação, pois segundo ele, nós não aprendemos, apenas recordamos o que já sabíamos antes. A volta às coisas mesmas de Husserl é o deixar manifestar, compreendendo pois a essência do objeto.

O terceiro capítulo virá prosseguido também de uma relação, enfatizando com Husserl a dúvida cartesiana. Descartes coloca a dúvida como um importante elemento dentro do processo, para se estabelecer verdadeiramente o que de fato é tal coisa. Pois ela se baseia em uma retirada metódica de preconceito concebido para a realização de algo sustentável. Edmund Husserl, por não usar exatamente essa dúvida metódica, se assemelha com Descartes em proceder possibilidades de alcance ao conhecimento.

No quarto e último capítulo relatarei a compatibilidade entre Francis Bacon e Edmund Husserl. Um, com a teoria dos ídolos e o outro, com a redução eidética e transcendental. Bacon nos diz respeito de ídolos que interferem na vida do homem fazendo dele um mero fantoche guiado por preconceitos e ilusões concebendo nele a impossibilidade de um conhecer insuficiente. Husserl por sua vez, nos explica a gravidade de se fazer uso de saberes retidos pelo preconceito, deixando clara a possibilidade de um saber confiável através da suspensão deste.

INTRODUÇÃO

Edmund Husserl nasceu em Prossnitz, na Alemanha no dia 08 de abril de 1859. Discípulo de Brentano recebeu dele uma influência decisiva no tocante à doutrina da intencionalidade dos atos humanos. Husserl nunca foi e nem será um filósofo popular. Sua obra é de mui difícil interpretação. Criador da fenomenologia, Husserl se empenhou a estudar a fundo o chamado fenômeno, ou seja, o estudo daquilo que se manifesta, enfatizando a fenomenologia como ciência de rigor. Entretanto, sua atitude e seu método fenomenológico impuseram-se em amplas esferas de conhecimento.

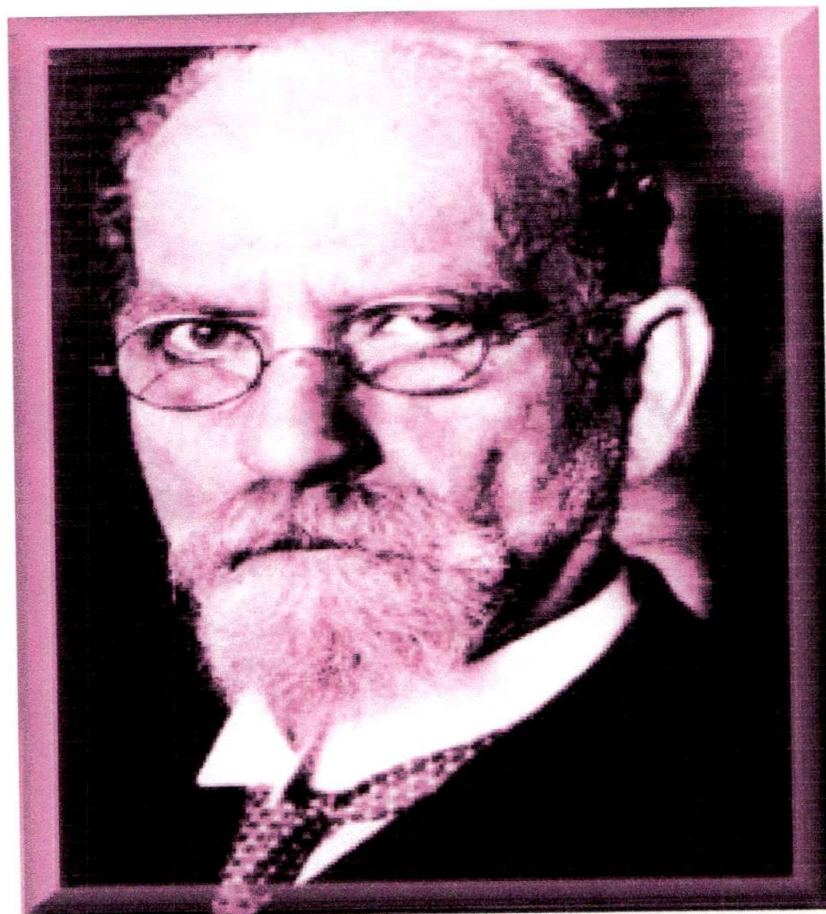
Este trabalho científico está desenvolvido respectivamente em quatro capítulos, abrangendo critérios como: no primeiro capítulo estará desenvolvido em dois momentos; no primeiro momento relataremos de duas fases principais correspondentes ao método fenomenológico de Husserl: negativa e positiva. Nestas duas fases mostraremos claramente o que Husserl precisa para encontrar a verdadeira essência. São fases indispensáveis para o pensamento husserliano, pois trata objetivamente de fundamentar uma idéia, teoria etc, na fase negativa decorre-se a epoché (Suspensão de juízo sobre determinada coisa), é o começo de uma grande descoberta. Na fase positiva encontra-se demasiadamente o ponto certo de as coisas mostrarem-se instantaneamente, na sua mais pura e absoluta realidade, no segundo momento, daremos cumplicidade à teoria de Husserl baseado em fenomenologia com um artigo da Universidade de Brasília (UNB) Educação, Sociedade e Cidadania de Adriana Mabel Frsquet e Walter Omar Kohan, dando ênfase ao seguinte assunto: Aprender, Desaprender e Reaprender. Este artigo está correlacionado ao método de Husserl, pois nele destaca-se o aprender como forma associada ao que os outros me dizem, o desaprender é uma função do “não acreditar” por verdade e o reaprender é reiniciar um novo aprendizado de acordo com as conclusões estabelecidas. A relação com o método husserliano é intrínseca, pois caracteriza o aprender como curiosidade de ir além, o desaprender como um pôr de lado tudo o que me foi transmitido e o reaprender como finalização de um estudo científico, dando principalmente espaço para as coisas se manifestarem em sua origem.

No segundo capítulo mostraremos o que há de comum entre o pensamento de Edmund Husserl com o de Sócrates, enfatizando no primeiro momento o método socrático: Ironia e Maiêutica. Como em todos os filósofos se estabeleceram os seus próprios

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
CAPÍTULO I.....	9
CAPÍTULO II.....	14
CAPÍTULO III	20
CAPÍTULO IV	23
CONCLUSÃO.....	26
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	27

Edmund Gustav Albert Husserl



AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por ter me dado a oportunidade de vencer mais uma etapa da minha vida. A Ele o meu muito obrigado por ter estado sempre ao meu lado nos momentos em que achei estar sozinha.

Agradeço aos meus pais, por terem custeado os meus estudos durante todos esses anos e por terem assistido de perto toda a minha trajetória. A eles que me viram cair e me ajudaram a levantar para prosseguir em frente em busca de um objetivo sonhado comigo.

Agradeço ao meu noivo, por ter redigido toda a minha monografia e ter preparado os slides para a apresentação desta. A ele que esteve comigo nas boas e más horas me apoiando com a sua paciência, carinho, respeito e amor.

Agradeço em especial aquele que não mediu esforços em me passar o pouco que sabia. Aquele que sempre me ouviu com paciência dizendo: deixa Husserl falar. Aquele que não me deixou desistir de fenomenologia e da minha busca incessante de tentar compreendê-la. Ao meu orientador e professor José Geraldo, deixo nessas poucas linhas todo o meu agradecimento e admiração não só por ter sido o meu orientador, mas por ter se tornado, acima de tudo, o meu amigo.

FOLHA DE APROVAÇÃO

GLAUCYLENE OLIVEIRA BORGES

FENOMENOLOGIA

COMISSÃO JULGADORA

**MONOGRAFIA PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE GRADUADO PELA
FACULDADE DE CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO DE RUBIATABA**

Orientador _____

Prof. José Geraldo da Trindade

2º Examinador _____

Titulação

3º Examinador _____

Titulação

Rubiataba , 22 de junho de 2006.

GLAUCYLENE OLIVEIRA BORGES



FENOMENOLOGIA

Monografia apresentada à Faculdade de Ciências e Educação de Rubiataba, como requisito para a obtenção do título de Licenciatura em Filosofia sob orientação do Prof. José Geraldo da Trindade.

RUBIATABA - GO
2006

*Fenomenologia
Filosofia*

3065.7
Saou

Tombo nº	12833
Classif.	165.62
Ex.	1 GLAUCYLENE
	2006
Origem:	d
Data:	10-5-07

FACULDADE DE CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO DE RUBIATABA
CURSO DE FILOSOFIA

GLAUCYLENE OLIVEIRA BORGES

FENOMENOLOGIA

RUBIATABA - GO
2006